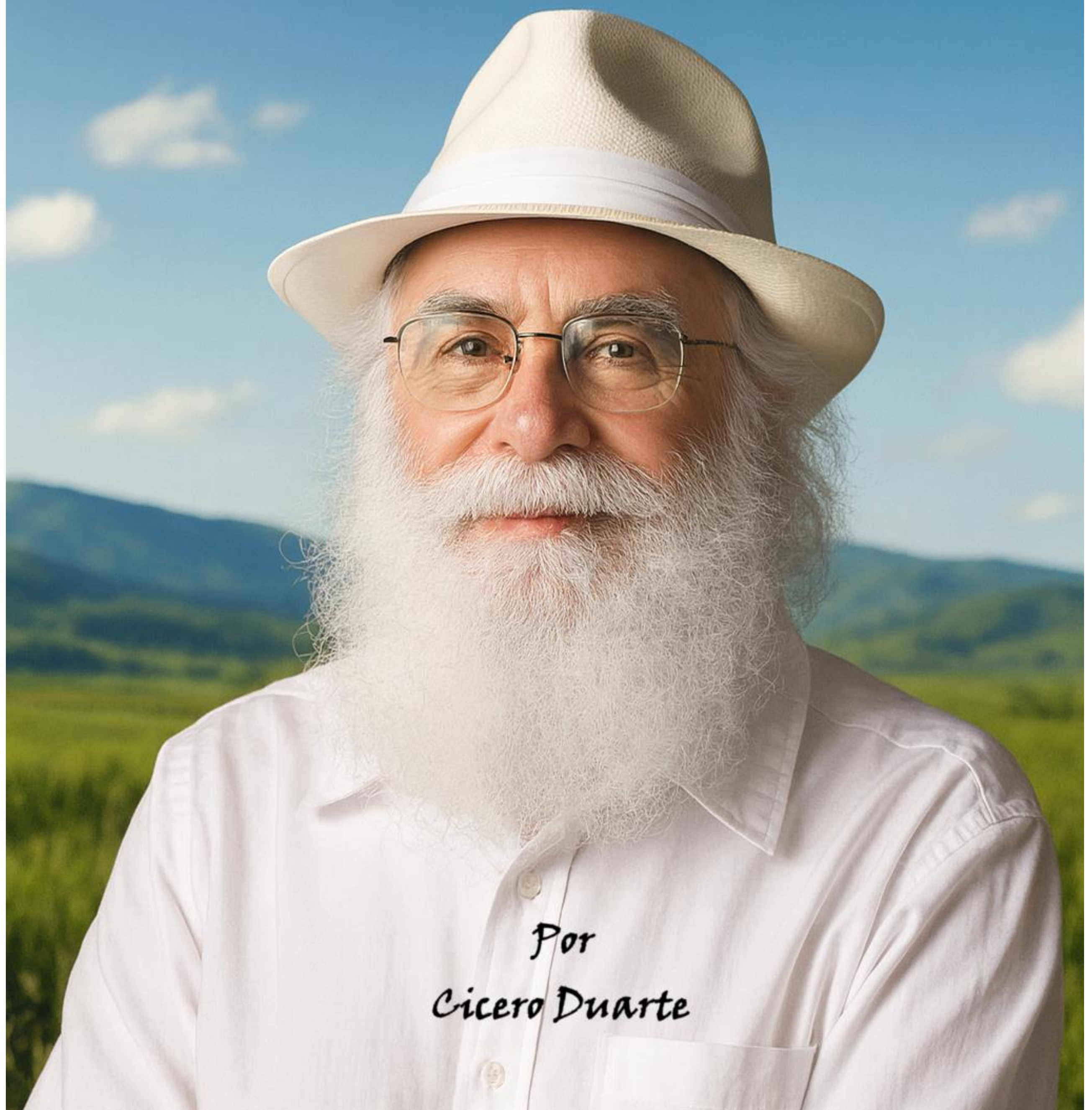

HOMO SAPIENS
PACIFICUS:
A Urgência do Antibelicismo
na Era Global
Por
Cicero Duarte

# LEIA

**Acreditando ou não, entendendo ou não, mas LEIA. E as vibrações nelas contidas (o Poder do SOM INAUDÍVEL das palavras, o poder do pensamento, da sabedoria antiga e da Doutrina Secreta) irão despertar uma resposta na tua alma.**






**Dedicatória**

A Waldo Vieira,
Um dos pioneiros da consciência livre, semeador de horizontes interdimensionais, cuja obra e exemplo permanecem como faróis para aqueles que buscam a autopesquisa, a cosmoética e a liberdade do espírito.
Que suas ideias continuem inspirando gerações a atravessar os limites do ego e reconhecer-se como cidadãos do cosmos.

# Homo Sapiens Pacificus: A Urgência do Antibelicismo na Era Global

*Por Cicero Duarte, 2021*

**Epígrafe**

*"A paz não é o silêncio dos cemitérios, mas a vitalidade das consciências reconciliadas."*
— Waldo Vieira

*"Não existe caminho para a paz. A paz é o caminho."*
— Mahatma Gandhi

**Prefácio**

Texto visando situar a obra como ponte entre a Conscienciologia de Vieira e a filosofia da não-violência que amadureceu até os nossos dias (Gandhi, King, Mandela, Dalai Lama, educadores da paz, organismos internacionais e práticas comunitárias).

## Sumário Editorial Consolidado

**Capítulo 1 – Fundamentos Epistemológicos do Antibelicismo**

- O paradigma consciencial segundo a Conscienciologia .
- A crítica filosófica ao belicismo como “infantilidade evolutiva” da Humanidade.
- O diálogo com a filosofia da paz (Norberto Bobbio, Johan Galtung, Paulo Freire).
- A redefinição do conceito de *Homo sapiens pacificus* como etapa de maturidade da consciência planetária.

**Capítulo 2 – Gênese do Homo Sapiens Pacificus**

- Três fases evolutivas: *homo animalis*, *homo bellicosus*, *homo pacificus*.
- A passagem do egocentrismo ao altruísmo e à policarmalidade.
- Leituras comparadas com Jung (sombra coletiva), Grof (psicologia transpessoal), e Dawkins (superação do “gene egoísta” em favor da cooperação).

**Capítulo 3 – A Filosofia do Antibelicismo e a Ética Universal**

- Cosmoética e universalismo como bases de uma nova Humanidade.
- Confronto entre verdades absolutas fossilizadas e verdades relativas de ponta.

- O papel da educação espiritual, psicológica e filosófica na desconstrução da violência.

**Capítulo 4 – Psicologia da Guerra e Psicologia da Paz**

- A “sombra belicista” como projeção do medo, da culpa e do apego.
- A guerra como catarse histórica e sociológica.
- O pacifismo como reciclagem da consciência.
- Perspectiva junguiana, freudiana e humanista aplicada.

**Capítulo 5 – Taxonomias do Belicismo e da Paz**

- Resgate da tipologia das “consbéis” (consciências bélicas) de Vieira .
- Atualização com categorias modernas: terrorismo digital, guerra informacional, armas autônomas, manipulação midiática.
- Contraponto: tipologia das consciências pacificadoras (lideranças éticas, mediadores, educadores da paz, trabalhadores humanitários).

**Capítulo 6 – Educação para a Cultura de Paz**

- Paulo Freire e a pedagogia do diálogo como antibelicismo educativo.
- UNESCO, ONU e iniciativas globais.
- Experiências comunitárias de reconciliação (África do Sul pós-apartheid, Colômbia, Ruanda).
- Proposta de um *Currículo da Paz* como fundamento da Escola do Futuro.

**Capítulo 7 – Ciência, Espiritualidade e Antibelicismo**

- A neuroplasticidade aplicada à educação para a paz.
- Estudos contemporâneos de psicologia da cooperação e altruísmo.
- Campos morfogenéticos (Sheldrake) e ressonância pacífica.
- Interpretação espiritual: samsara e a necessidade de dissolução do ciclo de violência.

**Capítulo 8 – A Serenologia e a Meta-Humanidade**

- A figura do *Homo sapiens serenissimus* .
- Serenidade como culminância do pacifismo.
- Modelos históricos e espirituais (Buda, Francisco de Assis, Gandhi, Madre Teresa).
- O ser humano como construtor de harmonia interplanetária.

**Capítulo 9 – Prospectivas para a Humanidade Pacificada**

- Riscos atuais: guerra nuclear, colapso climático, manipulação digital.
- Oportunidades: justiça restaurativa, ecologia profunda, espiritualidade universalista.
- A paz como projeto evolutivo coletivo.

- Caminhos práticos para o *Homo sapiens pacificus*: autopesquisa, reconciliação, cosmoética aplicada.

**Epílogo**

- Um chamado à responsabilidade individual e coletiva.
- A guerra sempre subtrai; a paz sempre soma.
- O futuro pertence às consciências que escolhem o caminho da pacificação interior e exterior.

# Introdução

Caro leitor, cara leitora,

Vivemos em um tempo em que a palavra “paz” parece soar mais como desejo distante do que como realidade palpável. Basta um olhar atento às manchetes para percebermos a persistência da violência: guerras entre nações, conflitos urbanos, polarizações ideológicas, violências silenciosas que se instalam nas famílias, nas instituições e até em nossos próprios pensamentos. A guerra não é apenas um fenômeno coletivo; ela é também um reflexo das batalhas íntimas que travamos dentro de nós.

Este livro nasce como um convite a olharmos para além da superfície dos acontecimentos. Ele não se limita a analisar a guerra ou a paz como conceitos abstratos, mas propõe que cada um de nós se veja como protagonista dessa transição histórica e espiritual. O antibelicismo não é apenas uma política, nem apenas uma filosofia: é uma postura de vida, uma forma de nos reeducarmos para a convivência lúcida, para a cooperação e para o respeito à diversidade.

Ao longo das páginas que seguem, percorremos tanto a análise rigorosa das raízes do belicismo humano quanto a apresentação de práticas e caminhos já experimentados pela Humanidade em direção à pacificação. Da sabedoria dos antigos mestres espirituais às descobertas científicas sobre cooperação e empatia; das cicatrizes deixadas pelas guerras às experiências de reconciliação comunitária; do legado da Conscienciologia às vozes que, em nosso século, clamam por um novo paradigma civilizatório.

Escrevo a você, leitor e leitora, não como quem aponta soluções prontas, mas como quem caminha junto, reconhecendo que a construção do *Homo sapiens pacificus* exige o esforço de todos nós. O desafio é coletivo, mas a transformação começa em cada um: na capacidade de desaprender velhos hábitos de hostilidade, no exercício de reeducar pensamentos e emoções, e no compromisso de instaurar uma cultura da paz em cada espaço que habitamos.

Que esta leitura seja recebida como uma conversa franca, quase íntima, onde nos permitimos refletir juntos sobre a urgência de nos tornarmos mais pacíficos, não por fraqueza, mas por maturidade. Que possamos reconhecer que a verdadeira vitória não está em dominar o outro, mas em aprender a conviver, a reconciliar, a cooperar.

Este é o ponto de partida da nossa jornada.

## Prefácio

Escrever sobre o *Homo sapiens pacificus* é mais do que refletir sobre uma possibilidade remota da evolução humana: é reconhecer que a paz não é um adorno moral, mas uma exigência ontológica do ser. A guerra, em seus múltiplos disfarces — desde os conflitos armados até as guerras silenciosas da mente, do corpo e das relações sociais — tem acompanhado a Humanidade como sombra persistente. No entanto, cada sombra revela também a existência de uma luz que a projeta. É essa luz, a da consciência madura, que dá origem ao paradigma do antibelicismo.

Waldo Vieira, ao propor a figura do *Homo sapiens pacificus*, rompeu a linearidade da história humana que, por milênios, parecia narrar apenas as epopeias bélicas do *Homo bellicosus*. O que ele antecipa é uma mutação de consciência: o homem que supera o instinto predador e inaugura uma nova lógica de convivência. A partir desse marco, não se trata mais de analisar apenas armas, batalhas e estratégias de dominação, mas de investigar a psicologia profunda do conflito e os caminhos de sua transmutação em cooperação.

O século XXI confirmou a urgência dessa viragem. O terrorismo global, as guerras assimétricas, a manipulação digital e o risco de destruição ecológica revelam que a violência já não se restringe ao campo de batalha; ela penetra na informação, na cultura, na economia e até na memória coletiva. Por outro lado, florescem práticas que encarnam o antibelicismo: a justiça restaurativa, a reconciliação comunitária, a educação para a paz, o diálogo inter-religioso, a espiritualidade universalista, os movimentos ecológicos. Nunca houve tanta consciência de que a sobrevivência da espécie depende menos da tecnologia da guerra e mais da arte da paz.

Este livro nasce desse encontro entre duas vertentes: a visão conscienciológica de Vieira e a trajetória histórica do pensamento anti-belicista acumulado até nossos dias — de Buda a Gandhi, de Francisco de Assis a Martin Luther King, de Simone Weil a Mandela. Trata-se de recolher vozes, experiências e pesquisas para construir um mapa de transição: da Humanidade centrada no medo e no poder para a Humanidade fundada na cooperação, no diálogo e na cosmoética.

Ao leitor e à leitora, deixo um convite: que a leitura não seja mero exercício intelectual, mas estímulo para a autopesquisa, para o desarme íntimo, para a educação do olhar. Pois toda guerra externa tem origem em guerras interiores não resolvidas; e toda paz duradoura nasce da pacificação de si.

Assim, que este texto seja recebido como um gesto de esperança lúcida: não uma utopia ingênua, mas uma convocação à tarefa mais urgente da nossa era — fazer nascer, em cada consciência, o *Homo sapiens pacificus*.

# Capítulo 1 – Fundamentos Epistemológicos do Antibelicismo

### 1.1 – A necessidade de um novo paradigma

A história humana é marcada por guerras e conquistas, mas também pela busca persistente de superá-las. O belicismo, em suas várias formas, pode ser entendido como expressão da imaturidade da consciência coletiva, que ainda confunde força com autoridade, e poder com sabedoria. A epistemologia da paz exige uma inversão desse olhar: em vez de investigar a guerra como motor da história, devemos reconhecer que apenas a pacificação interior e coletiva pode sustentar a evolução da Humanidade.

O antibelicismo, portanto, não é apenas uma postura ética, mas uma nova forma de conhecer. Ele redefine os critérios de verdade, deslocando o foco do domínio e da conquista para a convivência lúcida, para a cosmoética e para a universalidade.

### 1.2 – Belicismo e suas raízes epistemológicas

Do ponto de vista gnosiológico, a guerra sempre foi legitimada por sistemas de conhecimento que a justificaram: religiões dogmáticas que santificaram batalhas; filosofias políticas que exaltaram o “estado de guerra” como condição natural do homem; ciências aplicadas que transformaram a tecnologia em instrumento de destruição. O *Homo sapiens bellicosus* nasceu do cruzamento dessas epistemes fossilizadas.

Superar essa raiz exige não apenas mudar práticas, mas desconstruir as bases do pensamento que a alimentam. Aqui, o antibelicismo se apresenta como uma nova *episteme*, capaz de deslocar o eixo do saber humano: do exclusivismo para o universalismo, da competição para a cooperação, da violência para a responsabilidade ética.

### 1.3 – O horizonte gnosiológico do *Homo sapiens pacificus*

O *Homo sapiens pacificus* representa um salto de consciência. Sua gnosiologia não está centrada na lógica da destruição, mas na lógica da reconciliação. Conhecer, nesse paradigma, não é acumular dados para a manipulação do mundo, mas integrar experiências que promovam harmonia entre indivíduo, sociedade e cosmos.

Essa mudança implica:

- **Do egocentrismo ao policentrismo:** a consciência deixa de ser refém da própria sobrevivência imediata para se abrir à interdependência das vidas.
- **Do reducionismo ao holismo:** a realidade não pode mais ser dividida em partes isoladas, mas compreendida como uma rede viva de relações.

- **Da heteronomia à autonomia ética:** não é mais a autoridade externa que define o justo ou o injusto, mas a consciência lúcida, guiada pela cosmoética.

### 1.4 – Filosofia e educação como instrumentos de pacificação

Nenhum projeto antibelicista pode se sustentar sem a filosofia e sem a educação. A filosofia, por sua natureza crítica, desconstrói as narrativas que sustentam a violência e abre espaço para novas formas de sentido. A educação, por sua vez, traduz essas reflexões em práticas de transformação, formando sujeitos capazes de viver em paz consigo mesmos e com os outros.

Paulo Freire já advertia que a educação é sempre um ato político. A educação para a paz, nesse sentido, é uma pedagogia da libertação que substitui a pedagogia da opressão. O antibelicismo, quando internalizado no processo educativo, torna-se uma ferramenta concreta de emancipação humana.

### 1.5 – Fundamentos cosmoéticos

A paz não pode ser compreendida como mera ausência de guerra. Ela é fruto de escolhas cosmoéticas, isto é, escolhas que respeitam a vida em todas as suas dimensões — física, social, espiritual, planetária. O antibelicismo se fundamenta na percepção de que não há evolução individual autêntica sem evolução coletiva.

Assim, o verdadeiro pacifismo não é passividade, mas ação lúcida e responsável. É a recusa de perpetuar estruturas de dominação e a decisão de cultivar práticas que fortaleçam a fraternidade e o universalismo.

### 1.6 – Síntese inicial

O antibelicismo é uma ciência da paz. Seu fundamento epistemológico exige desconstruir a lógica da guerra; seu fundamento gnosiológico aponta para um conhecimento reconciliador; seu fundamento filosófico instaura a centralidade da ética; e seu fundamento educacional mostra que a paz pode ser ensinada, aprendida e cultivada.

A partir dessa base, o *Homo sapiens pacificus* não é apenas uma esperança distante, mas um projeto histórico e espiritual em andamento. Cada consciência que opta pela pacificação íntima contribui para a emergência desse novo patamar evolutivo.

## Capítulo 2 – Gênese do *Homo Sapiens Pacificus*

### 2.1 – Origem e significado da gênese

A palavra gênese designa o princípio, o nascimento, o surgimento de algo novo. Quando aplicada à consciência humana, ela indica o processo pelo qual emergem formas mais complexas de viver, pensar e relacionar-se. No caso do *Homo sapiens pacificus*, sua gênese não é apenas biológica, mas consciencial:

nasce da transformação interior, da maturação ética e do aprendizado coletivo de que a violência não sustenta a vida, mas a corrói.

A história da Humanidade mostra que cada salto evolutivo ocorreu em meio a crises: da pedra lascada ao fogo, do nomadismo às cidades, da escrita à tecnologia digital. Do mesmo modo, a gênese do homem pacífico é catalisada pelas próprias catástrofes do belicismo. É no esgotamento da guerra que germina a necessidade da paz.

### 2.2 – As três fases da consciência humana

Segundo a Evoluciologia, podemos distinguir três fases fundamentais que marcaram o processo da convivialidade humana:

1. **Egocentrismo – o *Homo animalis***: fase em que a sobrevivência ditava as regras da convivência. Predominava o instinto de autopreservação, o uso da força bruta e a lógica da caça e da conquista.
2. **Ambivalência – o *Homo bellicosus***: a consciência começa a experimentar a vida em grupo, mas ainda marcada pela ambiguidade entre cooperação e conflito. É a era das tribos, dos impérios, das religiões exclusivistas e dos Estados-nação em guerra constante.
3. **Altruísmo – o *Homo pacificus***: a consciência se abre à policarmalidade, ao reconhecimento de que o bem-estar de cada um depende do bem-estar de todos. Surge o paradigma do universalismo, a substituição da belicosidade ancestral pela ética da cooperação e da paz.

### 2.3 – A guerra como catalisador da paz

Curiosamente, a guerra sempre acelerou processos históricos. Cada grande conflito obrigou a Humanidade a reorganizar suas instituições, valores e tecnologias. Mas essa aceleração trouxe também catástrofes sociais e espirituais. A destruição das Torres Gêmeas, em 2001, foi descrita como a primeira tragédia global transmitida em tempo real. Do mesmo modo, as duas Guerras Mundiais deixaram marcas que forçaram a criação da ONU e a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Dessa forma, a gênese do *Homo pacificus* não é um nascimento espontâneo, mas um parto doloroso, provocado pela saturação da violência. Cada vez que a Humanidade chega ao limite da autodestruição, surge a pergunta inevitável: “quando aboliremos, de fato, a engrenagem tresloucada da guerra?”

### 2.4 – Neoposturas evolutivas

Para emergir como espécie pacífica, o ser humano precisa cortar com rigor posturas antigas e ultrapassadas. Entre elas estão:

- **Alienações**: a recusa de encarar a realidade histórica do belicismo.
- **Antipedagogia**: sistemas educativos que reforçam a competição e a segregação.

- **Barbáries**: a manutenção de práticas desumanizadoras travestidas de “ordem social”.
- **Falácias**: discursos pseudocientíficos e ideológicos que justificam a guerra.
- **Populismo**: manipulação da consciência coletiva por líderes que exploram o medo e a divisão.

Essas práticas precisam ser substituídas por **autotrafores**: valores e posturas consciencias que fortalecem a cooperação, a empatia e a ética universal.

### 2.5 – O papel do autodiscernimento

Nenhuma transformação coletiva se sustenta sem que cada indivíduo desenvolva seu próprio discernimento. O *Homo pacificus* não nasce de decretos ou tratados internacionais, mas da maturação íntima que leva a consciência a perceber que a civilidade é superior à selvageria, e que a paz é mais inteligente do que a guerra.

Essa percepção abre caminho para escolhas cosmoéticas, capazes de romper o ciclo da violência e inaugurar uma nova convivência planetária.

### 2.6 – Síntese da gênese pacífica

A gênese do *Homo sapiens pacificus* é, ao mesmo tempo, histórica e espiritual. Histórica, porque depende da superação de milênios de guerras que moldaram nossa civilização. Espiritual, porque exige a reciclagem íntima da consciência, que abandona velhos traços de agressividade para assumir a postura de reconciliação.

Em síntese:

- A guerra sempre subtrai; a paz sempre soma.
- O futuro não pertence aos exércitos, mas às consciências capazes de pacificação íntima.
- A verdadeira vitória da Humanidade será o nascimento coletivo do *Homo sapiens pacificus*.

## Capítulo 3 – A Filosofia do Antibelicismo e a Ética Universal

### 3.1 – O deslocamento filosófico: da guerra à paz

A filosofia ocidental, desde a Grécia antiga, não ignorou a guerra. Platão via nos guardiões da pólis um mal necessário; Aristóteles considerava a guerra legítima quando servia ao “bem comum” da cidade. Hobbes, séculos mais tarde, justificou o Estado como contrato para conter a “guerra de todos contra todos”. Hegel exaltou a guerra como motor da história.

O antibelicismo exige uma inflexão radical. Ele parte da constatação de que a guerra não é destino, mas escolha; não é condição natural da Humanidade, mas construção histórica. Nesse ponto, filosofia e consciência convergem: se a guerra foi criada, pode ser superada. A tarefa filosófica é, portanto, desarmar as justificações que a tornaram aceitável e propor novos fundamentos para a vida em comum.

### 3.2 – A ética universal como fundamento

A paz não se reduz à ausência de conflito; é expressão de uma ética que transcende fronteiras, religiões e ideologias. Essa ética universal, chamada na Conscienciologia de **cosmoética**, não é apenas um código moral, mas um princípio regulador da vida em todas as dimensões.

O belicismo nasce quando a ética se reduz a interesses tribais ou nacionais. O antibelicismo, ao contrário, funda-se no reconhecimento de que todo ser humano — e toda consciência, intrafísica ou extrafísica — é portador de dignidade. A ética universal, portanto:

- Rejeita qualquer forma de violência como meio legítimo de convivência.
- Reconhece a interdependência radical entre indivíduos, povos e espécies.
- Valoriza a vida não apenas humana, mas também animal, vegetal e planetária.

### 3.3 – Filosofia prática do antibelicismo

Uma filosofia que não se traduz em prática é mero exercício intelectual. Por isso, a filosofia do antibelicismo deve se tornar **filosofia prática**, que oriente escolhas cotidianas. Isso implica:

- **Na política:** substituir a lógica do poder pela lógica da cooperação.
- **Na economia:** superar modelos predatórios em direção a economias solidárias e regenerativas.
- **Na educação:** instaurar pedagogias da paz, onde o diálogo e a empatia sejam tão valorizados quanto o raciocínio lógico.
- **Na espiritualidade:** dissolver dogmas belicistas e promover a reconciliação entre tradições religiosas.

Assim, a filosofia antibelicista não se limita a refletir sobre o “ser da guerra”, mas projeta caminhos concretos para o “ser da paz”.

### 3.4 – O papel da cosmoética

Waldo Vieira situou a cosmoética acima das éticas humanas superficiais. Enquanto os códigos morais variam no tempo e no espaço, a cosmoética é universal: está vinculada à evolução da consciência em múltiplas dimensões.

A guerra sempre se justifica em nome de alguma ética parcial — “defesa da pátria”, “proteção da fé”, “honra nacional”. A cosmoética desmonta essas

justificações ao revelar que nenhuma vida vale menos que outra. Em sua perspectiva, não há vitória legítima quando o preço é a destruição de consciências.

### 3.5 – Antibelicismo como sabedoria existencial

O antibelicismo, em última análise, é sabedoria. Não se trata de ingenuidade pacifista, mas de inteligência evolutiva. Ao escolher a paz, a consciência não se enfraquece; ao contrário, fortalece-se no que há de mais profundo: discernimento, empatia e maturidade espiritual.

Essa sabedoria exige coragem, pois o belicismo ainda é hegemônico. Mas a história mostra que todo avanço ético começou como minoria. Os primeiros objetores de consciência foram perseguidos; hoje são reconhecidos como pioneiros da paz.

### 3.6 – Síntese filosófica

A filosofia do antibelicismo, ancorada na ética universal, propõe:

1. Desconstruir a lógica da guerra como “necessidade histórica”.
2. Reconhecer a paz como condição essencial da evolução da consciência.
3. Instaurar a cosmoética como princípio norteador da convivência.
4. Educar para a prática da reconciliação e da cooperação.

Assim, a filosofia da paz não é utopia ingênua, mas tarefa urgente. Cada consciência que a assume inaugura, em si mesma, o que Vieira chamou de *Homo sapiens pacificus*.

## Capítulo 4 – Psicologia da Guerra e Psicologia da Paz

### 4.1 – A guerra como projeção da psique coletiva

A guerra não começa nos campos de batalha. Ela tem origem no interior das consciências, enraizada em medos, culpas, apegos e pulsões não integradas. Jung descreveu a **sombra** como o conjunto de conteúdos reprimidos que, quando não reconhecidos, se projetam sobre o outro em forma de hostilidade. As nações, como indivíduos coletivos, também possuem suas sombras: medos históricos, ressentimentos acumulados, mitos de superioridade. Esses conteúdos, quando não elaborados, se transformam em belicismo.

Freud, por sua vez, advertia sobre o conflito entre Eros (instinto de vida) e Tânatos (instinto de morte). Quando Tânatos domina, emerge a compulsão destrutiva que alimenta guerras. A psicologia da guerra, portanto, revela que o inimigo externo é, antes de tudo, reflexo de batalhas internas não resolvidas.

### 4.2 – Dinâmicas psicológicas da violência

O comportamento belicista pode ser compreendido a partir de algumas dinâmicas psíquicas recorrentes:

- **Projeção:** atribuir ao outro a própria agressividade reprimida.
- **Identificação com o agressor:** indivíduos e povos violentados reproduzem, em cadeia, a violência recebida.
- **Despersonalização:** o inimigo é visto como coisa, não como pessoa; perde Humanidade, tornando-se objeto a ser destruído.
- **Medo coletivo:** amplificado por narrativas políticas e midiáticas, o medo se converte em justificativa para guerras preventivas.

Esses mecanismos explicam por que sociedades aparentemente civilizadas podem mergulhar em massacres ou genocídios.

### 4.3 – Psicologia da paz: o desarme interior

Se a guerra é filha da sombra reprimida, a paz é fruto da **integração psíquica**. A psicologia da paz propõe que a reconciliação com o outro só é possível quando aprendemos a reconciliar-nos conosco mesmos. Isso implica em três níveis:

1. **Intrapsíquico:** cultivar autopesquisa, autocrítica e autocompreensão. O indivíduo que reconhece seus impulsos agressivos pode transformá-los em energia criativa.
2. **Interpessoal:** desenvolver empatia, escuta ativa e práticas de reconciliação. O diálogo se torna ferramenta de cura coletiva.
3. **Transpessoal:** acessar estados ampliados de consciência que revelam a interconexão entre todos os seres, dissolvendo fronteiras rígidas do "eu" e do "outro".

Nesse processo, a paz deixa de ser apenas ausência de conflito e se torna **estado de consciência**.

### 4.4 – A catarse histórica e suas lições

A história da Humanidade pode ser lida como uma longa catarse coletiva. Cada guerra, cada tragédia, expõe contradições internas que não foram elaboradas de outro modo. Entretanto, a repetição desse padrão sugere que a Humanidade ainda não aprendeu a lidar com suas sombras de forma madura.

A psicologia da paz propõe substituir a catarse destrutiva por práticas de reconciliação preventiva: justiça restaurativa, mediação de conflitos, diálogo intercultural. A verdadeira maturidade consiste em aprender sem precisar repetir traumas.

### 4.5 – Da pulsão de morte à pulsão de cooperação

Pesquisas recentes em neurociência e psicologia evolutiva mostram que a cooperação é tão natural quanto a agressividade. O cérebro humano é dotado de **neurônios-espelho**, que facilitam a empatia. Estudos de psicologia positiva destacam que a compaixão e o altruísmo produzem bem-estar e fortalecem vínculos sociais.

Assim, a psicologia da paz não nega a existência da pulsão de morte, mas aposta na capacidade de redirecionar essa energia para fins construtivos. O mesmo impulso que gera destruição pode ser convertido em criatividade, arte, espiritualidade e solidariedade.

### 4.6 – Síntese psicológica

A psicologia da guerra revela as raízes sombrias da violência; a psicologia da paz aponta os caminhos de integração e reconciliação. Ambas mostram que a escolha entre guerra e paz não é apenas política ou econômica, mas profundamente psíquica.

A verdadeira revolução antibelicista começa no íntimo de cada consciência. Quem se pacifica interiormente contribui para desarmar o inconsciente coletivo. Nesse sentido, o *Homo sapiens pacificus* é, antes de tudo, o ser humano que aprendeu a transformar sua sombra em luz e sua agressividade em cooperação.

## Capítulo 5 – Taxonomias do Belicismo e da Paz

### 5.1 – A necessidade de uma classificação

Para compreender o belicismo e propor sua superação, é necessário organizá-lo em **taxonomias**, ou seja, em classificações que revelem suas origens, formas e consequências. Tal esforço não é mero exercício teórico: permite reconhecer padrões recorrentes, identificar suas raízes e delinear estratégias de transformação. Do mesmo modo, estabelecer uma taxonomia da paz nos ajuda a visualizar os diferentes níveis e práticas que podem sustentar o *Homo sapiens pacificus*.

### 5.2 – Tipologias do belicismo segundo Vieira

Waldo Vieira utilizou o termo **consbéis** (consciências belicistas) para designar indivíduos ou grupos que, por imaturidade ou automatismo, perpetuam atitudes de violência e guerra. Essas consciências apresentam traços como:

- **Agressividade instintiva:** resposta impulsiva, marcada pela animalidade.
- **Fanatismo ideológico ou religioso:** guerras travadas em nome de “verdades absolutas”.
- **Poder predatório:** uso da guerra como instrumento de dominação política e econômica.
- **Belicismo cultural:** sociedades que celebram heróis militares e mitos de violência.
- **Tecnobelicismo:** aplicação da ciência e tecnologia como máquinas de destruição.

Essas tipologias revelam que o belicismo não é homogêneo, mas assume múltiplas faces conforme a época e a cultura.

### 5.3 – Atualizações contemporâneas do belicismo

Na era digital e globalizada, surgem novas expressões belicistas que ampliam as análises anteriores:

- **Guerra informacional:** manipulação de dados, fake news e ataques cibernéticos que minam democracias.
- **Terrorismo difuso:** práticas descentralizadas de violência em nome de ideologias extremistas.
- **Armas autônomas:** drones e robôs bélicos, que desumanizam ainda mais os conflitos.
- **Colonialismo econômico:** guerras não declaradas travadas por meio de exploração de recursos e dependências financeiras.
- **Polarização cultural:** discursos de ódio que funcionam como “guerras simbólicas” dentro das sociedades.

Essas formas demonstram que o belicismo evolui, adaptando-se às condições do presente, e por isso exige uma vigilância ética e filosófica contínua.

### 5.4 – Taxonomias da paz

Assim como existem diferentes formas de violência, também existem **diversos graus de pacificação**. Entre eles, podemos distinguir:

- **Paz negativa:** simples ausência de conflito armado, mas sem transformação estrutural.
- **Paz positiva:** presença de justiça social, reconciliação e respeito aos direitos humanos.
- **Paz interior:** estado de serenidade íntima, fruto da autopesquisa e da integração psíquica.
- **Paz coletiva:** cooperação entre grupos, povos e culturas, baseada no diálogo e na mediação.
- **Paz cósmica:** expansão da consciência para níveis transpessoais, nos quais a harmonia inclui não apenas os seres humanos, mas toda a teia da vida.

Essa taxonomia da paz mostra que ela não é estática, mas dinâmica, exigindo avanços progressivos do indivíduo e da coletividade.

### 5.5 – O perfil das consciências pacificadoras

Se as consbéis representam o atraso evolutivo, as **consciências pacificadoras** simbolizam o futuro. Entre seus traços podemos identificar:

- Capacidade de reconciliação e perdão.
- Postura dialógica e mediadora em situações de conflito.
- Compromisso com causas universalistas e humanitárias.
- Clareza cosmoética em suas escolhas.
- Serenidade mesmo em contextos de pressão.

Exemplos históricos abundam: Gandhi, Martin Luther King, Nelson Mandela, Dalai Lama, Chico Xavier, entre outros. Mais do que personagens isolados, eles representam arquétipos do *Homo pacificus* em formação.

### 5.6 – Síntese das taxonomias

As taxonomias do belicismo e da paz não têm apenas função descritiva; elas nos oferecem mapas de consciência. Identificar em qual ponto estamos situados — como indivíduos e como sociedade — é passo essencial para promover a transição.

- O belicismo revela a **sombra coletiva** ainda atuante.
- A paz mostra os **potenciais de luz** disponíveis à Humanidade.
- A escolha entre ambos depende do autodiscernimento e da coragem evolutiva de cada consciência.

Assim, a guerra não é destino e a paz não é utopia. Ambas são possibilidades, e cabe a nós decidir qual taxonomia será predominante na história futura.

## Capítulo 6 – Educação para a Cultura de Paz

### 6.1 – A centralidade da educação

Se a guerra é aprendida, a paz também pode ser. A violência se transmite por narrativas, modelos sociais e práticas culturais; do mesmo modo, a paz pode ser cultivada como herança pedagógica. A educação, portanto, é o terreno privilegiado para a construção do *Homo sapiens pacificus*. Não se trata apenas de escolarizar, mas de formar consciências aptas a conviver, dialogar e cooperar.

### 6.2 – Paulo Freire e a pedagogia da paz

Paulo Freire afirmava que “a educação é um ato político”. Nesse sentido, a educação para a paz é uma forma de **desaprender a violência**. A pedagogia do diálogo, da escuta e da problematização crítica permite que os indivíduos reconheçam as estruturas opressoras que alimentam o belicismo. Em vez de educar para a obediência, educa-se para a autonomia; em vez de ensinar a competir, ensina-se a cooperar.

Freire chama a atenção para a **consciência crítica**: sem ela, os alunos reproduzem a lógica dominante. Com ela, tornam-se agentes de transformação. A cultura de paz exige essa consciência desperta, capaz de enxergar além das aparências e questionar os sistemas que naturalizam a violência.

### 6.3 – UNESCO e organismos internacionais

Desde o pós-guerra, organismos internacionais como a UNESCO e a ONU têm insistido na necessidade de uma cultura de paz. A Carta das Nações Unidas e a Declaração Universal dos Direitos Humanos são tentativas de institucionalizar

valores pacíficos. Programas de cooperação internacional, iniciativas de reconciliação em zonas de conflito e campanhas educativas buscam consolidar a paz como patrimônio comum da Humanidade.

No entanto, tais esforços só se tornam eficazes quando incorporados ao cotidiano educacional. A cultura de paz não pode ser apenas uma diretriz internacional; deve estar presente nas escolas, universidades, comunidades e famílias.

### 6.4 – Experiências comunitárias de reconciliação

A história recente mostra exemplos inspiradores de como a educação pode servir à paz:

- **África do Sul pós-apartheid:** a Comissão da Verdade e Reconciliação não apenas julgou crimes, mas promoveu educação cívica e memória histórica.
- **Colômbia:** programas educativos para ex-combatentes das FARC facilitam a reintegração social.
- **Ruanda:** após o genocídio de 1994, práticas de educação comunitária fortaleceram o diálogo e a reconstrução do tecido social.

Essas experiências revelam que a paz se constrói mais por meio da educação e reconciliação do que por imposição jurídica ou militar.

### 6.5 – Currículo da paz

Para consolidar o *Homo sapiens pacificus*, é necessário instituir um verdadeiro **Currículo da Paz**. Ele deve abranger:

- **Educação emocional:** desenvolvimento da empatia, autorregulação e gestão de conflitos.
- **Educação ética:** reflexão crítica sobre valores, responsabilidades e cosmoética.
- **Educação intercultural:** valorização da diversidade e combate ao preconceito.
- **Educação ecológica:** integração da paz com o cuidado pela Terra e por todas as formas de vida.
- **Educação espiritual:** abertura para dimensões transpessoais da consciência, sem dogmatismos.

Esse currículo não se limita às escolas; pode ser vivido em famílias, organizações, comunidades e meios digitais.

### 6.6 – Da pedagogia da guerra à pedagogia da paz

Durante séculos, educamos para a guerra: a disciplina militar, a exaltação dos heróis de batalha, a competição sem limites. É tempo de inverter essa lógica e educar para a paz. Isso implica transformar a própria estrutura da educação: não apenas conteúdos, mas métodos, relações e valores.

A pedagogia da paz é libertadora porque ensina a viver sem inimigos. Em lugar de preparar soldados, forma cidadãos planetários; em lugar de treinar guerreiros, prepara conciliadores; em lugar de legitimar o medo, cultiva a confiança.

### 6.7 – Síntese educativa

A educação é a arma mais poderosa contra a guerra, porque desarma o inconsciente coletivo. Cada sala de aula pode ser um laboratório de paz. Cada educador, um pacificador em potencial. Cada estudante, um agente de reconciliação.

A cultura de paz é aprendida, praticada e multiplicada. Sua gênese está na consciência, mas sua consolidação depende da educação. O *Homo sapiens pacificus* nasce, sobretudo, no espaço pedagógico — onde a Humanidade aprende a desaprender a violência e a construir, em comum, o futuro da paz.

## Capítulo 7 – Ciência, Espiritualidade e Antibelicismo

### 7.1 – O diálogo necessário

A guerra sempre se alimentou da fragmentação: povos contra povos, religiões contra religiões, disciplinas contra disciplinas. O antibelicismo exige o oposto: integração. Ciência e espiritualidade, historicamente vistas como rivais, precisam convergir para sustentar uma visão de paz. Ambas oferecem lentes indispensáveis: a ciência, com sua análise rigorosa da realidade material; a espiritualidade, com sua sabedoria sobre os sentidos últimos da existência.

A paz não será possível se continuar separada desses dois pilares. Precisamos de uma ciência comprometida com a vida e de uma espiritualidade liberta de dogmas.

### 7.2 – A neurociência da paz

Pesquisas recentes em **neuroplasticidade** mostram que o cérebro humano pode ser moldado por hábitos de empatia, compaixão e meditação. Práticas contemplativas, antes restritas ao campo espiritual, hoje são validadas por exames de imagem cerebral: elas reduzem a agressividade, fortalecem áreas relacionadas à autorregulação emocional e aumentam a capacidade de cooperação.

Esses achados revelam que o antibelicismo pode ser cultivado biologicamente. A paz não é apenas ideal ético; é treinamento neural e hábito psicológico.

### 7.3 – Psicologia da cooperação

A psicologia evolutiva tem demonstrado que a cooperação foi tão fundamental quanto a competição para a sobrevivência humana. Estudos sobre **altruísmo recíproco** e **neurônios-espelho** mostram que estamos biologicamente preparados para a empatia. A guerra, portanto, não é destino inescapável, mas

desvio histórico. O que chamamos de *Homo sapiens pacificus* é, na verdade, a ativação de potenciais já existentes, mas ainda pouco explorados.

### 7.4 – Campos mórficos e ressonância pacífica

A hipótese dos **campos morfogenéticos**, proposta por Rupert Sheldrake, sugere que hábitos e padrões coletivos criam campos que influenciam gerações futuras. Se aplicarmos essa ideia ao antibelicismo, compreendemos que cada gesto de paz — uma reconciliação, um perdão, uma mediação bem-sucedida — fortalece um campo que torna a paz mais provável em escala coletiva.

Essa perspectiva converge com tradições espirituais que falam de “egregoras” ou “correntes de consciência”: a paz, quando cultivada, gera ressonância que se expande além do indivíduo.

### 7.5 – Espiritualidade universalista

As religiões, quando dogmáticas, muitas vezes alimentaram guerras. Mas a espiritualidade, quando vivida em sua essência, é antibelicista por natureza. O Buda, ao propor o caminho do meio; Cristo, ao pregar o amor aos inimigos; Francisco de Assis, ao se reconciliar com todas as criaturas; e Gandhi, ao praticar a não-violência ativa — todos testemunham que a verdadeira espiritualidade dissolve fronteiras e desarma corações.

O universalismo espiritual, livre de sectarismos, é condição indispensável para o *Homo sapiens pacificus*. Ele não substitui a ciência, mas dialoga com ela, oferecendo horizontes de sentido e inspiração ética.

### 7.6 – Ciência da paz e consciência cósmica

Waldo Vieira falava em **cosmoética** como ética que transcende a condição humana. Nesse horizonte, ciência e espiritualidade se encontram: ambas se reconhecem como instrumentos de evolução da consciência.

A **ciência da paz** pode ser definida como o esforço sistemático de investigar e aplicar práticas que reduzem a violência e ampliam a cooperação. A **espiritualidade pacífica**, por sua vez, expande essa busca para além do tempo presente, reconhecendo que a guerra gera carmas coletivos e que a paz é investimento evolutivo interdimensional.

Unidas, ciência e espiritualidade constroem uma epistemologia integradora: o antibelicismo como caminho não apenas humano, mas cósmico.

### 7.7 – Síntese integradora

- A ciência confirma que a paz pode ser aprendida e treinada, moldando cérebro e comportamento.
- A espiritualidade mostra que a paz é expressão da maturidade da alma e da cosmoética.

- Juntas, oferecem a base do *Homo sapiens pacificus*: um ser capaz de integrar razão e compaixão, objetividade e transcendência, técnica e sabedoria.

Assim, o antibelicismo deixa de ser uma bandeira ideológica para tornar-se **projeto civilizatório**, sustentado tanto pela evidência científica quanto pela inspiração espiritual.

# Capítulo 8 – A Serenologia e a Meta-Humanidade

### 8.1 – O conceito de serenologia

A Conscienciologia introduziu a **serenologia** como ciência dedicada ao estudo do *Homo sapiens serenissimus*: a consciência que atingiu o ápice da pacificação íntima e da maturidade evolutiva. O serenólogo é, portanto, aquele que investiga os traços, manifestações e exemplos dessa consciência rara.

Enquanto o *Homo sapiens pacificus* representa a superação do belicismo e o compromisso com a cooperação, o *serenissimus* é a culminância desse processo: alguém que transcendeu definitivamente as raízes da agressividade, vivendo em estado de paz plena.

### 8.2 – Características do *Homo sapiens serenissimus*

A tradição conscienciológica aponta que o serenissimus:

- Mantém serenidade inabalável diante de qualquer circunstância.
- Não reage com violência, ainda que provocado ou hostilizado.
- Irradia um campo de energia pacificadora capaz de influenciar consciências próximas.
- Vive a cosmoética em nível integral, sem contradições entre discurso e prática.
- Atua discretamente, muitas vezes de forma anônima, como agente de reconciliação no planeta.

O serenissimus é exemplo vivo de que o pacifismo não é utopia, mas horizonte atingível da evolução consciencial.

### 8.3 – Modelos históricos e espirituais

A Humanidade já intuiu figuras que se aproximam do ideal serenológico. Buda, ao ensinar o desapego do sofrimento; Francisco de Assis, ao cultivar a fraternidade universal; Gandhi, ao praticar a não-violência ativa; Madre Teresa, ao viver a compaixão radical. Todos, em seus contextos, irradiaram serenidade transformadora.

Esses modelos históricos não são perfeitos, mas funcionam como **arquétipos do ser pacificado**, sinais de que a Humanidade caminha em direção à meta-Humanidade.

### 8.4 – Serenologia como horizonte do antibelicismo

O antibelicismo, quando levado às últimas consequências, não é apenas recusa da guerra. É cultivo consciente da serenidade. A serenologia nos mostra que o verdadeiro desarmamento não é apenas político ou militar, mas **intraconsciencial**.

Enquanto houver agitação íntima, medo, ódio ou ressentimento, a guerra encontrará espaço. Quando a serenidade predomina, o belicismo perde terreno. A serenidade é, portanto, a vacina definitiva contra a violência.

### 8.5 – A meta-Humanidade

Podemos chamar de **meta-Humanidade** o estágio em que o *Homo sapiens pacificus* deixa de ser exceção e torna-se regra. Nesse nível, a Humanidade terá superado a infantilidade belicista e se transformado em comunidade planetária pacificada.

Características dessa meta-Humanidade incluem:

- Estruturas políticas baseadas em cooperação e não em competição.
- Economia orientada pela sustentabilidade e pela partilha.
- Educação integral voltada para o desenvolvimento da consciência.
- Espiritualidade universalista e libertária, sem dogmatismos.
- Tecnologia a serviço da vida, não da destruição.

A serenologia é a ciência que estuda e inspira esse futuro, mostrando que ele não é apenas projeção mística, mas consequência lógica da evolução da consciência.

### 8.6 – Síntese: do pacifismo à serenidade

Se o *Homo sapiens bellicosus* representa a infância da Humanidade e o *Homo sapiens pacificus* simboliza sua adolescência lúcida, o *Homo sapiens serenissimus* pode ser visto como sua maturidade plena.

A serenidade é a meta última do antibelicismo. Não basta apenas evitar a guerra; é necessário dissolver suas raízes interiores. O pacificador abre o caminho; o serenissimus o percorre até o fim.

E assim, a meta-Humanidade será composta por consciências capazes de irradiar paz não apenas como ausência de conflito, mas como estado ontológico permanente.

# Capítulo 9 – Prospectivas para a Humanidade Pacificada

## 9.1 – O desafio do presente

A Humanidade encontra-se em uma encruzilhada crítica. Por um lado, a herança do *Homo sapiens bellicosus* permanece ativa: guerras regionais, corrida armamentista, manipulação digital, destruição ambiental. Por outro, sinais inequívocos de uma nova consciência emergem: movimentos de justiça restaurativa, avanços na psicologia da cooperação, redes de solidariedade planetária, espiritualidades universalistas e práticas educativas para a paz.

O desafio do presente é saber se a Humanidade conseguirá transformar suas crises em oportunidades, ou se insistirá na repetição cega dos padrões autodestrutivos.

## 9.2 – Riscos da civilização belicista

Se o belicismo prevalecer, enfrentaremos riscos concretos:

- **Colapso nuclear:** ainda existem milhares de ogivas capazes de destruir o planeta.
- **Guerras digitais:** ataques cibernéticos e manipulação informacional corroendo a democracia.
- **Crise climática:** conflitos por água, alimentos e territórios, alimentados pelo aquecimento global.
- **Fragmentação social:** polarizações que dilaceram comunidades e enfraquecem instituições.

Esses riscos demonstram que a guerra, mesmo em suas formas modernas, não resolve problemas — apenas os agrava e os multiplica.

## 9.3 – Oportunidades do novo paradigma

Se, ao contrário, a Humanidade assumir o caminho antibelicista, abre-se um campo vasto de possibilidades:

- **Política da cooperação:** organismos internacionais fortalecidos, baseados em diálogo e mediação.
- **Economia solidária:** modelos sustentáveis que priorizam o bem-estar coletivo e a justiça distributiva.
- **Educação integral:** programas voltados à formação de cidadãos planetários, com currículo de paz, ética e consciência ecológica.
- **Tecnociência a serviço da vida:** uso da inteligência artificial, da biotecnologia e da comunicação global para erradicar a fome, ampliar a saúde e promover reconciliações.
- **Espiritualidade universalista:** práticas transpessoais que unem razão e compaixão, ciência e mística, em uma visão holística do ser humano.

Essas oportunidades não são utopias distantes, mas sementes já presentes no tecido social contemporâneo.

### 9.4 – Caminhos práticos para a pacificação

O futuro não se constrói apenas em discursos; exige práticas concretas:

1. **Autopesquisa:** cada indivíduo assumindo a responsabilidade de pacificar a si mesmo.
2. **Reconciliação:** cultivo ativo do perdão e do diálogo em relações interpessoais e comunitárias.
3. **Educação para a paz:** desde a infância, formando uma geração que desaprende a violência.
4. **Políticas públicas de prevenção:** substituindo gastos militares por investimentos em saúde, educação e sustentabilidade.
5. **Cultura da não-violência ativa:** práticas sociais de resistência pacífica que desarmam estruturas de opressão.

Esses caminhos representam a travessia do *Homo sapiens bellicosus* para o *Homo sapiens pacificus*.

### 9.5 – A visão da meta-Humanidade

A meta-Humanidade não é apenas possibilidade; é destino evolutivo. A lógica cósmica mostra que não há progresso sustentável sem pacificação. A guerra é atalho curto e suicida; a paz é estrada longa e fecunda.

A perspectiva é clara: se quisermos permanecer no palco da evolução, precisaremos aprender a viver como comunidade planetária pacificada. Essa meta-Humanidade será caracterizada por:

- Governança global ética.
- Consciências serenas atuando como referências silenciosas.
- Tecnologias regenerativas em vez de destrutivas.
- Integração entre ciência, filosofia, arte e espiritualidade.

### 9.6 – Síntese final

A Humanidade encontra-se diante de duas narrativas possíveis:

- **Narrativa belicista:** a repetição das guerras, que conduz ao colapso.
- **Narrativa pacífica:** a superação da sombra, que conduz à serenidade.

O *Homo sapiens pacificus* não é apenas personagem teórico; é a própria Humanidade em processo de parto, emergindo das dores da guerra para o alvorecer da paz.

Cada gesto de paz é uma semente lançada no solo da história. Cada consciência que se pacifica contribui para o campo morfogenético da reconciliação. Cada ato cosmoético acelera o advento da meta-Humanidade.

O futuro não está dado: ele depende de nossa escolha consciente. Que saibamos escolher a paz — não como ausência de conflito, mas como plenitude de convivência lúcida.

## Epílogo – O Chamado da Paz

Leitor, leitora, chegamos ao limiar de um caminho. As páginas que percorremos não foram escritas apenas para informar ou refletir, mas para despertar. O *Homo sapiens pacificus* não é conceito distante: ele pulsa dentro de cada um de nós, esperando ser escolhido, cultivado, vivido.

A guerra, com suas múltiplas máscaras, continuará a nos seduzir com promessas de poder, segurança e glória. Mas sua trilha é sempre a mesma: destruição, sofrimento, regressão. A paz, em contrapartida, exige mais coragem do que a guerra, pois pede desarme interior, renúncia ao egoísmo e entrega ao diálogo. Não há nada mais revolucionário do que uma consciência serena.

Agora, diante da encruzilhada histórica, cada um se torna responsável. Não são apenas líderes, governos ou nações que decidem o destino da Humanidade: somos nós, em cada gesto, em cada pensamento, em cada escolha cotidiana. O futuro não se escreve em tratados distantes, mas no íntimo de cada consciência que decide não alimentar a violência, e sim nutrir a cooperação.

Este é o convite final:

- pacificar-se para pacificar o mundo;
- reconciliar-se consigo mesmo e com os outros;
- tornar-se canal da serenidade que transforma ambientes, relações e sociedades.

Se a guerra sempre subtrai e a paz sempre soma, a escolha é clara. Mas a clareza precisa se transformar em ação. Não amanhã, não depois — mas agora.

Que possamos, juntos, inaugurar a era da meta-Humanidade. Que cada vida se torne testemunho vivo de que a paz é possível, real, concreta e necessária.

O chamado da paz ecoa. E a resposta está em nossas mãos.

## Conselho Final ao Leitor

Que cada passo seu seja mais leve do que a guerra que ficou para trás.
Que sua palavra seja ponte e não espada.
Que sua mente se torne clara como o céu depois da tempestade.
E que seu coração, pacificado, seja farol para outros corações.

Lembre-se: a paz não se encontra, constrói-se — em cada gesto, em cada silêncio, em cada escolha.
Você é parte viva do nascimento do *Homo sapiens pacificus*.
Que sua vida seja testemunho de serenidade, e sua consciência, instrumento da paz cósmica.

## Mensagem da Contracapa

A Humanidade atravessa um momento decisivo: permanecer refém do belicismo que marcou sua história ou despertar para uma nova etapa evolutiva. *Homo Sapiens Pacificus: A Urgência do Antibelicismo na Era Global* é um chamado à reflexão e à ação, inspirado no legado de Waldo Vieira e ampliado pelas contribuições filosóficas, científicas e espirituais que apontam para a construção de uma cultura de paz.

Este livro propõe compreender a guerra não apenas como fenômeno político ou militar, mas como expressão psicológica e espiritual da imaturidade humana. Ao mesmo tempo, revela que a paz é mais do que ausência de conflito: é fruto da serenidade, da cosmoética e da cooperação entre indivíduos e povos.

Por meio de uma análise que integra filosofia, psicologia, neurociência, espiritualidade e educação, a obra descreve os caminhos para o nascimento do *Homo sapiens pacificus* — a consciência capaz de reconciliar-se consigo mesma e com o mundo.

Trata-se de uma convocação a todos aqueles que acreditam que a paz não é utopia, mas tarefa histórica e espiritual. Cada escolha, cada gesto, cada reconciliação é uma semente lançada no solo do futuro. O destino da Humanidade depende da coragem de cultivar essas sementes.

***O chamado está feito. O próximo passo é nosso.***

## Quem foi

**Waldo Vieira** (1932 - 2015) foi um médico cirurgião plástico e cosmético, dentista, médium, lexicógrafo, autor brasileiro de várias obras, e o primeiro conscienciólogo devido a ser o propositor da Conscienciologia e da Projeciologia.

## Sobre o Autor

**Cícero Duarte Silva** (1953 – ), psicólogo, teólogo e capelão brasileiro, é um livre pensador contemporâneo que transita entre filosofia, espiritualidade e psicologia profunda. Sua obra se dedica à investigação da consciência, à integração de saberes ancestrais e científicos, e à busca de uma pedagogia espiritual acessível ao ser humano do nosso tempo.



# Bibliografia

## Bibliografia Básica


- VIEIRA, Waldo. *Homo Sapiens Pacificus*. 1. ed. Foz do Iguaçu: Editares, 2007.
- JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SHELDRAKE, Rupert. *A presença do passado: ressonância mórfica e hábitos da natureza*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- GANDHI, Mahatma. *Autobiografia: a história de minha experiência com a verdade*. São Paulo: Palas Athena, 2006.


## Bibliografia Complementar

### Filosofia e Educação


- BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- GALTUNG, Johan. *Peace by Peaceful Means: Peace and Conflict, Development and Civilization*. Oslo: International Peace Research Institute, 1996.


### Psicologia e Transpessoalidade


- JUNG, Carl Gustav. *Aion: estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GROF, Stanislav. *A mente holotrópica*. São Paulo: Cultrix, 1994.

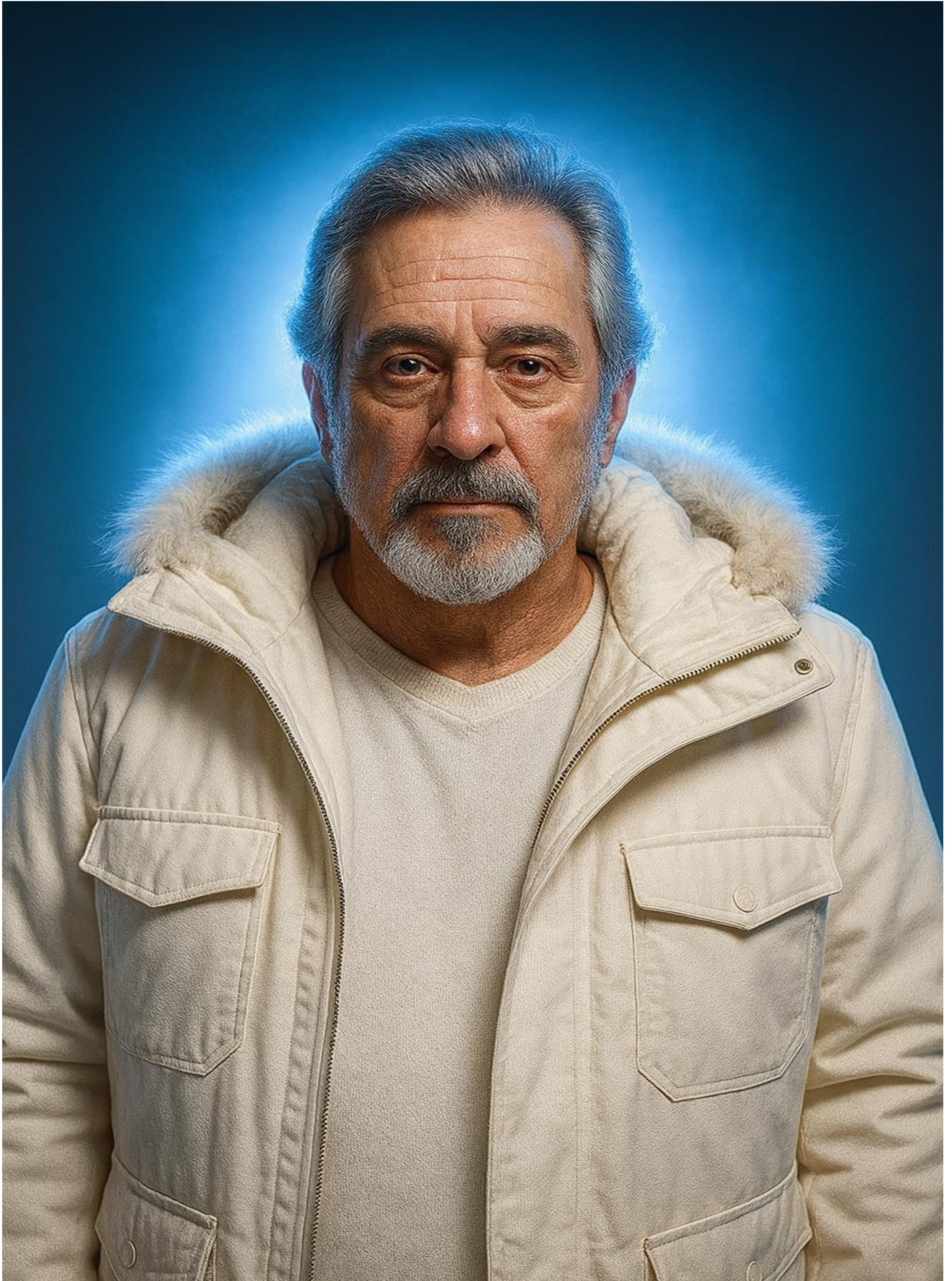

### Ciência e Espiritualidade


- SHELDRAKE, Rupert. *A New Science of Life: The Hypothesis of Morphic Resonance*. London: Icon Books, 2009.
- WILBER, Ken. *Uma teoria de tudo: uma visão integral da ciência, da política, da empresa e da espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- BOHM, David. *A totalidade e a ordem implicada*. São Paulo: Cultrix, 1992.


### Espiritualidade Universalista e Paz


- KING, Martin Luther. *Eu tenho um sonho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- MANDELA, Nelson. *Longa caminhada até a liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- DALAI LAMA. *A arte da compaixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- FRANCISCO DE ASSIS. *Escritos e biografias de São Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 2014.

**Cicero Duarte**



A humanidade atravessa um momento decisivo: permanecerar réfém do belicismo quo marçou sua historia ou despartar para uma nova etapa evolutiva.

*Homo Sapiens Pacificus:* A Urgência do Antibelicismo na Era Global

Este livro propôe compreenter a guerra noo apenas como fenómeno politico ou militar, mas como express-sâo psicológica e espiritual da imaturidade humana. A mesm tempo, revela que a paz mais do que ásceflito: e fruto da serenidade, da cosmoetica e da cooperaçâo entre individuos e peovos.

Por meio de uma anàlise que integra filosofia, psicologia, neurociência, espiritualdade e educaçâo, a obra descreve os caminhos pará o nascemento do *Homo sapiens pacicicus* —a consciência capaz de reconciliar-se consigo mesma e com o mundo.

Trata-se de uma convocaçäo a todos aqueis que acrdet-tam que a paz nao e utopia, mas tarefa istoricà e espiritual. Cada escolfia, cada gesto, cada reconciliaçăo e uma semente lançada no solo do futuro.

**O chamado está feito. O próximo passo é nosso.**

COMPRE AGORA!